

VII Seminário FESPSP - “Juventude, trabalho e profissão: desafios para o futuro no tempo presente”.

28 de outubro a 01 de novembro de 2019

GT 08 - Trabalho e emprego na viração do capitalismo: interpretando contrastes sociabilidades e organizações

### **O Jovem Ontem e Hoje: um panorama da juventude brasileira, as gerações e sua intersecção com a educação, o trabalho e a tecnologia**

Graziely Pedrozo de Almeida<sup>1</sup>

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – São Paulo

**Resumo:** Esta pesquisa buscou reunir alguns conceitos de Juventude e Geração, problematizar as classificações atualmente mais usadas de gerações, caracterizar algumas das juventudes do Brasil e apontar em que pontos pode se relacionar com a Educação, a Tecnologia e o Mercado de Trabalho. Dentro de diversos períodos e sociedades humanas, observam-se distintas identificações e atribuições aos seres tidos como jovens. Assim, juventude não pode ser relacionada a uma faixa etária específica e imutável, pois é uma categoria socialmente construída. A mesma conclusão se aplica ao conceito de Geração, diferentes conceitos de geração priorizam diferentes aspectos da vida moderna, seja o contexto histórico, as rupturas culturais, etc. O fim ou desequilíbrio do chamado “Ciclo Ternário” (Educação-Trabalho-Descanso), advindo junto com mudanças nos projetos de vida, escolaridade e perspectivas de trabalho, desestrutura os regimes de previdência e trabalho formal, gerando insegurança para as novas gerações. Essa dinâmica laboral está conectada com as emergentes tecnologias, formando um ciclo indissociável que molda a juventude e, com ela, o futuro da humanidade.

**Palavras-chave:** Juventudes; Gerações; Educação; Trabalho; Tecnologia; SENAI.

## **1 INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Graduanda do 4º semestre de Sociologia e Política na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Estagiária de Sociologia no Núcleo de Inteligência da Gerência de Relações com o Mercado, SENAI-SP. Contatar em: graziely.pedrozo@sp.senai.br.

“Juventude” alude à identidade social de sujeitos ainda não completos. Identifica e se refere a sistemas de relações. Já que toda identidade é relacional, a identidade juvenil está no interior de um sistema de relações articuladas. O conceito faz parte de um sistema de significações que define uma identidade. Em verdade, não há uma “juventude”, mas sim “Juventudes”. A condição de jovem é historicamente construída e determinada, cuja caracterização depende de diversas variáveis.

Assim, Juventude é o momento no qual o indivíduo define uma identidade própria. Na ótica da psicologia, é o momento da formação da individualidade e da identidade do indivíduo para a vida adulta, é uma construção social cuja duração de tempo é variada, de acordo com as condições sociais da época. À juventude se define pelas oportunidades de participação na sociedade, a existência ou ausência de oportunidades definem a maneira pela qual desempenharão seu papel na sociedade.

## **2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS**

O presente estudo tem como objeto as pesquisas e dados gerados sobre a conceituação da juventude moderna, sua possível divisão em gerações e seu contexto brasileiro, bem como intersecções em temas específicos. O tema do estudo – Juventude e gerações – nasce de uma demanda específica no âmbito do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, SENAI-SP, cujo recém-formado Núcleo de Inteligência da Gerência de Relações com o Mercado busca produzir e difundir conteúdo pertinente às diversas esferas de atuação e interesse do SENAI, especialmente ao departamento do estado de São Paulo.

Nesse sentido, estudo a Juventude e as relações geracionais, porque quero compreender melhor as nuances do jovem atual para colaborar com o estado atual dos estudos sobre a juventude brasileira, de modo a servir de referência/auxílio à rede de ensino e gerência do SENAI-SP. Os objetivos buscaram reunir diversos conceitos de juventude, conceituar Geração e identificar quais são algumas das classificações mais usuais das gerações recentes, identificar a juventude atual no Brasil (seja pela abordagem legal de definição do termo, seja pelo olhar sociológico a esse grupo) e caracterizá-la em diversos aspectos, apontando suas relações com a educação, a tecnologia e o mercado de trabalho. Atentei-me também, de forma

secundária, às particularidades da intersecção do objeto com o Sistema Indústria e o Aprendizado Industrial no contexto do SENAI.

### 3 MÉTODOS UTILIZADOS

Por meio de uma revisão analítica da bibliografia fundamental sobre sociologia da juventude, objetivou-se compreender as concepções sociológicas de juventude na contemporaneidade. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (BEAUD; WEBER, 2014) com funcionários de cargos específicos do SENAI-SP: um Analista de Qualidade de Vida; um Coordenador Pedagógico de escola; um Agente de Apoio ao Ensino; e um Especialista em Educação Profissional.

Essa abordagem metodológica, não tão gloriosa como outras investigações empíricas, que envolvem idas a campo, entrevistas, informantes e outras aventuras, é, na verdade, um esforço necessário de agregação, revisão, sumarização e sistematização de dados que, caso contrário, talvez ficassem expostos de forma desconexa no tempo e espaço da sociologia brasileira. Assim, em Sposito (2009), temos o seguinte:

“A produção de conhecimento, qualquer que seja o campo do saber, não pode prescindir do esforço sistemático de inventariar e fazer balanço sobre aquilo que foi produzido em determinado período de tempo e área de abrangência.”(p.07).

Tendo em mente essa diretriz, realizei um levantamento bibliográfico que consistiu em: pesquisa a partir de palavras chaves nos sites da internet de universidades, congressos, periódicos, revistas e bancos de dados<sup>2</sup>; elaboração de listagem de referências bibliográficas e classificação do material levantado; e análise preliminar dos dados. O levantamento bibliográfico foi realizado entre os meses de setembro e outubro de 2019 e, a princípio, não foram estabelecidos recortes temporais para a pesquisa, pois o intuito era também identificar os marcos do campo acadêmico sobre a temática, contudo é rara e rasa, especialmente em português do Brasil, a produção anterior aos anos 1980-1990.

---

<sup>2</sup> Banco de Dados acessados: Bibliográficos USP (DEDALUS):

<http://www.usp.br/sibi/biblioteca/frame.htm>; Biblioteca Digital de Teses e Dissertações UFMG:

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>; Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior): <http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>; Google Acadêmico:

<http://scholar.google.com.br/schhp?hl=pt-BR>; Revista Científica Eletrônica: <http://www.scielo.br>;

Observatório Jovem da UFF (Universidade Federal Fluminense):

<http://www.observatorijovem.uff.br/?q=acervo>; Observatório da Juventude da UFMG (Universidade

Federal de Minas Gerais): <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/producao/producao-cientifica>;

Banco de Dados da CLACSO (Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais): [clacso.redalyc.org](http://clacso.redalyc.org);

Youth – United Nations (portal sobre Juventude da Organização Nações Unidas - ONU):

<https://www.un.org/en/sections/issues-depth/youth-0/index.html>.

Há que se apontar também que essa busca por textos em bancos de dados sofre forte influência da disponibilidade de acesso, o qual incide diretamente sobre o recorte temporal (ou seja, é muito mais difícil encontrar textos que já não eram muito populares ou estudados no início da era digital). A pesquisa pela internet possui benefícios e limites: entre os primeiros estão a possibilidade de acesso à de informações de qualquer parte do país e do mundo, a quantidade de informações obtidas e o tempo curto em que isso é logrado; um dos limites se põe na organização dos bancos de dados e uma defasagem de referências que escapam à busca por palavras-chave.

#### **4 JUVENTUDES**

Há momentos cruciais da vida humana de ruptura, de transição, mudanças físico-biológicas, definidos como “de passagem”. Eles representam ciclos da vida presentes em todas as sociedades. Esses momentos quase sempre são ritualizados. O rito envolve uma série de ações organizadas por convenção e reconhecidas pelos membros do grupo, regras de condutas que prescrevem como o homem deve se portar frente a coisas sagradas.

Ultimamente, os ritos têm sofrido de obsolescência, tendem a desaparecer numa modernidade cujo aspecto imagético tem primazia. Os rituais, historicamente vinculados à espiritualidade, têm um sentido “imaginal” que está ameaçado pela necessidade imediatista do “ver para crer”. Essa “desritualização” é correlata ao declínio das crenças, tanto religiosas (no sentido judaico-cristão ocidental) quanto dos ritos profanos tradicionais. No entanto, em algumas sociedades tradicionais resistentes, ritos de passagem ainda são realizados, cada um com suas adaptações e particularidades históricas, é claro. Muitos estudos apontam para o fato da Juventude moderna ter perdido seus ritos de passagem, o que assinala mais ainda o caráter sociocultural e menos o caráter biológico dessa fase do ciclo da vida humana.

O processo biológico serve de base para a especificação das pessoas, para o desenvolvimento de suas relações e atividades mútuas e para a diferenciação em papéis sociais. Embora o significado de “idade” varie de sociedade para sociedade, não há até hoje conhecido de uma sequer sociedade que não faça nenhuma diferença entre fases da vida, cada qual com suas regras e valores. Em Peralva (1997), sabemos: “hoje que as idades da vida, embora ancoradas no

desenvolvimento bio-psíquico dos indivíduos, não são fenômeno puramente natural, mas social e histórico, datado, portanto, e inseparável do lento processo de constituição da modernidade(...)"(p.15).

A seguir veremos um pouco de como foi feita essa construção histórica e social da categoria Juventude, como ela se define legalmente hoje em nosso país e quais são as principais correntes sociológicas em relação ao tema.

#### **4.1 Percepção Histórica**

A Juventude, como a conhecemos hoje, é essencialmente um produto da Modernidade. Não que não houvesse uma ideia do que seria um jovem em outros momentos históricos da humanidade (é bem sabido que desde os *epebos* da Grécia Antiga, até os jovens fidalgos renascentistas, diversas culturas – com foco nas ocidentais – tiveram maneiras diferentes de identificar, dar papéis sociais e integrar pessoas jovens – o que nos levará ao próximo ponto), mas contrapondo a pré-Modernidade com a Modernidade, é possível refazer uma genealogia do que é e como se formou o conceito que nós, como sociedade, damos à Juventude.

Por séculos relacionada à esfera educacional (seja na preparação à vida civil em Esparta e em Roma Antiga, seja na visão iluminista de um período de formação e aprendizado), a juventude passa a ser abordada, com a expansão das Revoluções Industriais e do capitalismo global, a partir do viés do trabalho. No final do século XIX surgem as primeiras ações públicas destinadas a crianças e adolescentes, com foco no atendimento de órfãos e crianças desamparadas, para que se integrassem ao mercado de trabalho, evitando a sua desocupação.

Foi na classe média durante a Revolução Industrial, um tempo em que as ordens sociais estavam abaladas pelas rápidas mudanças tecnológicas, políticas e sociais, que se desenvolveu tal conceito. Até o início do século XX, juventude como idade social já tinha evoluído a uma normal social, dominada pelos ideais burgueses de juvenildade, ao qual as outras classes tiveram de se adaptar. Mesmo adaptado, o conceito nunca abandonou por completo suas raízes românticas. As normas que a definiam eram originadas em tentativas psicológicas e pedagógicas de delimitar estágios do desenvolvimento pessoal, designar grupos sociais a grupos etários, com modelos diferentes a serem seguidos.

#### **4.2 Definição Legal e Avanços na Garantia de Direitos**

Com a expansão das Revoluções Industriais e do capitalismo global, no final do século XIX surgem as primeiras ações públicas destinadas a crianças e adolescentes, para que se integrassem ao mercado de trabalho, evitando a sua desocupação, vista como correlato à delinquência. Também no Brasil, na década de 40, os jovens passaram a ganhar atenção, num contexto de uma necessária qualificação da força de trabalho à nascente indústria nacional (aí se insere a criação dos programas de Aprendizagem e do SENAI).

Segundo Luís Antônio Groppo:

Podemos definir a juventude como uma categoria social. Tal definição faz da juventude algo mais do que uma faixa etária ou uma "classe de idade", no sentido de limites etários restritos - 13 a 20 anos, 17 a 25 anos, 15 a 21 anos, etc. Também, não faz da juventude um grupo coeso ou uma classe de fato [...] 'Não existe realmente uma classe social formada, ao mesmo tempo, por todos os indivíduos de uma mesma faixa etária. Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sociocultural e uma situação social [...] Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. (GROPPO, 2000, p.7.)

Em contrapartida:

O corte etário de 15-24 anos, adotado por organismos internacionais como OMS e UNESCO procurava homogeneizar o conceito de juventude a partir de limites mínimos de entrada no mundo do trabalho, reconhecidos internacionalmente, e limites máximos de término da escolarização formal básica (básico e médio). (...). O recorte etário permite pesquisas quantitativas em larga escala e a definição de públicos-alvo de políticas públicas. No entanto, deve-se observar os limites destas definições e questionar a naturalização da associação entre juventude e uma faixa etária específica. (CASTRO; MARTINS, 2010, pp.57-58).

Ou seja, o critério etário que delimita a juventude está subjacente numa base prévia de definição de juventude, definição esta que varia de acordo com o tempo e a sociedade nela inscrita e mudanças que nesta ocorrem. Em outras palavras, não existe padrão universal, é necessário apontar a definição que melhor aprover as condições socioculturais do grupo em estudo e os objetivos do projeto de pesquisa.

Assim, no Brasil, segue-se o padrão dado pelo Estatuto da Juventude, texto implementado em 2013, que determina o indivíduo jovem como aquele entre 15 e 29 anos.

A Juventude como pauta no Brasil é recente, começa na era Vargas, primeira vez que o termo "jovem" aparece em documentos legais da federação. A regulamentação, consideração do jovem como um ser de direitos e a esperada pesquisa acadêmica que acompanha esses processos só se deram depois da

redemocratização do país. Os dois marcos legais no tema são o Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, e o Estatuto da Juventude, de 2013. O seguinte trecho de artigo nos ajuda a refazer esse recente histórico:

Desde o governo Fernando Henrique Cardoso é que as preocupações das políticas públicas se agruparam em quatro grandes áreas: trabalho, educação, saúde e artístico-cultural. No governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) o tema juventude vem sendo dirigido sob o foco da organização e da centralização dos projetos. Já no primeiro ano de governo (2003) foi lançada a Comissão Especial da Juventude com o objetivo de elaborar o Estatuto da Juventude e o Plano Nacional da Juventude. Esta comissão deu origem ao Grupo Interministerial da Juventude (2004-2005), proporcionando a integração governamental do tema que, por sua vez, deu origem ao Conselho Nacional da Juventude e à Secretaria Nacional da Juventude. Pela primeira vez se estabelece na lei a faixa etária entre 15 e 29 anos para a definição de jovem no Brasil. (BORELLI; OLIVEIRA; LARA, 2010, p.305).

Nessa evolução, percebemos duas tendências:

1. A tendência de, cada vez mais, incluir indivíduos nas conquistas dos direitos humanos. Dessa forma, os que antes eram vistos como ou uma categoria incógnita (nem crianças, nem adolescentes, nem adultos) ou ameaças à segurança pública (delinquência e desocupação), passaram a serem considerados seres de direitos;
2. A tendência crescente de preocupar-se em como alocar esse grupo no que tange à participação econômica. Se por um lado temos a um aumento da escolaridade e atraso na entrada no mercado de trabalho, por parte das gerações mais recentes, por outro lado, vemos a Lei brasileira, aqui representada pelo Estatuto da Juventude, aumentar o período de tempo restrito à Juventude (até 29 anos), que também abrange mais pessoas-alvo para políticas públicas e programas dedicados a esse setor da população (Aprendizagem, Estágios, ID Jovem, tec).

#### **4.4 Juventudes Hoje**

“Nos estudos rurais o jovem é visto, principalmente, como o filho do agricultor: aquele que vive um período da vida de aprendizado, de preparação para suceder aos pais, por meio da transmissão de bens e da terra, mas também de poderes entre as gerações. O filho de agricultores, como membro da unidade familiar da produção, estava associado à reprodução da mesma, cujo processo de trabalho estava indissociável da construção simbólica das hierarquias familiares entre gêneros e gerações.”(p.71).

Com essa análise, chegamos à conclusão de que a juventude, ou aqueles designados por esse termo, nunca são relacionados a uma faixa etária específica e

imutável, o que nos traz o primeiro ponto importante levantado nesta pesquisa: Juventude é uma categoria socialmente construída, o que é corroborado pelos principais autores e estudiosos do tema. Apesar do imaginário contemporâneo – e herdeiro das concepções positivistas – de que a juventude é sinônimo de amadurecimento biológico - “A adolescência surge como um objeto exacerbado por uma série de atributos psicologizantes e biologizantes” (COIMBRA, 2005, p.4) -, Bourdieu (1983, p. 113) muito sabiamente afirma “(...) a juventude e a velhice não são dadas, mas construídos socialmente”.

## 5 GERAÇÕES

### 5.1 Visão Mercadológica

Boa parte do que se tem em mente quando falamos, hoje em dia, por gerações, pode ser resumido em tropos, estereótipos e resumidos na seguinte tabela:

Grupo geracional	Características
<b>Tradicionais (Perdidos, Grandiosos, Silenciosos) – nascidos antes dos anos 1950</b>	Orientados pelo senso prático, dedicados ao trabalho, a autoridade é estabelecida pelo respeito, seguem a liderança pela hierarquia, reconhecem a importância do sacrifício para alcançar objetivos
<b>Baby Boomers – nascidos entre 1951 e 1964</b>	Otimistas e fortemente centrados no trabalho, têm um senso de amor e ódio pela autoridade, buscam a liderança pelo consenso e se sentem responsáveis por seu estímulo para o trabalho
<b>Geração X – nascidos entre 1965 e 1977</b>	Céticos, com pouco apego as hierarquias buscam a liderança pela competência e defendem ambiente de trabalho mais informal
<b>Geração Y – nascidos entre 1978 e 1994</b>	Mais individualistas e esperam um mundo melhor. Decididos, defendem suas opiniões e buscam inserção profissional sem comprometer a vida pessoal. Priorizam o lado pessoal em relação às questões profissionais
<b>Geração Z</b>	Pragmáticos, conversadores, indefinidos, <i>comunicaholic</i> , <i>meme</i>



<b>(nascidos entre 1995 – 2010)</b>	<i>thinkers</i> , propensos a hiperexposição, autodidatas, multitarefas, impacientes (burocracia é desanimadora), confiantes, ansiosos, estressados e anti-establishment.
-------------------------------------	---

Tabela 1: Resumo do senso comum sobre gerações (OLIVEIRA, PICCININI, BITTENCOURT, 2011).

Essas ideias, no entanto, são contestadas por diversos autores. Para eles, o modelo abrangente não pode ser utilizado para compreender uma geração ou a juventude um país como o Brasil. Para uma análise geracional o simples marco cronológico é apenas um ponto referencial, não serve como base para delimitar as formas de agir, pensar, se portar, sentir.

## 5.2 Gerações nas diversas óticas sociológicas

No Positivismo de Comte, a Juventude ganhou novas definições: de 30 em 30 anos, uma nova geração nascia, se formava e deveria ser identificada, pois esse era o número de anos necessários para que se trocassem as pessoas na cúpula do poder político. Era esse o viés que interessava ao pensador enquanto classificava pessoas. Quase contemporâneo, mas em outro país, os românticos alemães preferiam um olhar subjetivo. Em Dilthey, na Alemanha, predominava o caráter histórico, pessoas que vivenciaram os mesmos acontecimentos, estariam numa mesma geração. Mannheim (WELLER, 2007), o grande inaugurador da sociologia da juventude e do estudo de gerações, bebeu um pouco das duas fontes, mas mais do romântico-histórico alemão, fazendo duras críticas ao francês, Comte.

Para ele, haveria um revezamento geracional (*generational relay*), em que a idade biológica importaria, mas de forma periférica, sendo não apenas os acontecimentos históricos, mas como os indivíduos, em grupo, assimilam, lidam, internalizam e reagem a tais acontecimentos, é o que vai delimitar uma ou outra geração, de forma que a linha não é clara e não é possível colocar-se datas limites (como feste ano a tal ano). Karl Mannheim domina a sociologia dos anos 1920 e será no pós guerra dos anos 1960 que uma nova corrente se porá em voga. Dentre os principais nomes dessa época, encontra-se a antropóloga Margaret Mead, cujo problema de problema ou lacuna geracional (*generational gap*) explica:

“A consciência da identidade geracional deriva, portanto, de uma tensão entre duas ordens de significados expressos por gerações diferentes e é tanto mais forte quanto mais forte a própria tensão. Se a tensão se dissolve, ou por mudança excessivamente lenta, ou por mudança excessivamente rápida, já não há também

possibilidade de cristalização de identidades geracionais diferenciadas. É o que parece estar ocorrendo agora: o prosseguimento em ritmo acelerado das mesmas transformações históricas, que para Mead constituíram o fosso entre as gerações, impossibilita hoje paradoxalmente a emergência de uma consciência geracional.” (PERALVA, 1997, p.20).

No fim no século, temos Philip Abrams, cuja teoria surgiu no cenário internacional nos anos 1980, ganha mais espaço nos anos 1990, permanecendo no debate plural que se instalou no novo milênio, com a ideia de sobreposição geracional (*generational lap*) e uma maior relativização de preceitos intransigentes antes postos como verdades:

“O ponto de partida de Abrams foi sua convicção de que a individualidade e a sociedade são construções históricas. É portanto necessário analisar suas interconexões e, simultaneamente, suas mudanças ao longo do tempo. Identidades - considerado o elo entre as duas dimensões individual e social - devem, por seu turno, ser investigadas dentro de um modelo de referência histórico-social.” (FEIXA, LECCARDI, 2010)

### 5.3 Gerações Brasileiras

Helena Abramo (1997), pesquisadora brasileira, conhecida por suas pesquisas sobre Juventude e educação, já na década retrasada escrevia sobre alguns dos vieses pelos quais os jovens são percebidos na sociedade, especialmente na mídia. No trecho a seguir é possível ver a dualidade da condição juvenil. Dualidade, esta, que a acompanha desde dos primórdios de sua existência: **delinquência x novidade**. Se por um lado a, anteriormente exposta, romanticização da Juventude (que deve muito ao Iluminismo de Rousseau) a liga diretamente a assuntos da esfera estética, do consumo, esporte, lazer e – mais recentemente – tecnologia, por outro, quando atrelada às classes baixas, e “grupos de risco” (leia-se pessoas de cor, num geral, homossexuais, militantes, imigrantes), o medo que se tem dessas Juventudes em particular, associam-nas à inadimplência escolar, desemprego, criminalidade, drogadição, violência, desvio – em outras palavras, delinquência.

Tem crescido a atenção dirigida aos jovens nos últimos anos no Brasil, tanto por parte da “opinião pública” (notadamente os meios de comunicação de massa) como da academia, assim como por parte de atores políticos e de instituições, governamentais e não governamentais, que prestam serviços sociais. No caso dos produtos diretamente dirigidos a esse público, os temas normalmente são cultura e comportamento: música, moda, estilo de vida e estilo de aparecimento, esporte, lazer. Quando os jovens são assunto dos cadernos destinados aos “adultos”, no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos “problemas sociais”, como violência, crime, exploração sexual,

drogadição. Em contraste com a elaboração de informação, conceituação, pedagogias e metodologias específicas para lidar com a infância, que se começa a produzir no Brasil, em consequência de toda a movimentação em torno da defesa das crianças, quase não se encontram subsídios mínimos para um tratamento singularizados dos adolescentes, muito menos dos jovens. (ABRAMO, 1997).

## **6 INTERSECÇÕES**

### **6.1 Educação**

Segundo o Prof. Paulo Borges, da Rede SENAI e doutor em Educação pela FE-USP, os jovens contemporâneos “acabam criando seus próprios ritos de passagem numa confusão entre sua condição mista de criança e adulto” (BORGES, 2013, p.20). Alguns seguem tradições familiares, outros se encontram no fundamentalismo religioso, e outros partem a transgressões. Porém, ações rituais sem mediação cerimonial não garantem transformações interiores no jovem, só refletem adereços, aparência. O contato com a natureza se “dessacralizou”. Em sua opinião, se à juventude não é apresentada desafios, sacrifícios ou provações, não há rupturas a serem vivenciadas. O Professor tenta buscar uma origem nas supostas tendências juvenis à transgressão e violência, levanta a hipótese de que a ausência de grandes mitos para compreender o mundo e se relacionar com ele faz o ser em formação buscar se conectar com sua natureza (entre pulsões do Id e intimações do meio super-egóico) por meios violentos.

Se o rito é visto como um meio de negociar com o outro, seja uma deidade, pessoa ou instituição, colocando o sujeito em relação com a coletividade, os ritos de passagem são a negociação de novos estatutos. Representam, a morte simbólica do iniciado, com ruptura em relação ao passado, seguida por um período de afastamento, terminando com o ressurgimento e agregação simbólicos do iniciado à comunidade, agora, com um estatuto superior. No desenvolvimento da idade do adolescente, ou seja, na construção de sua identidade adulta, a autoafirmação é um componente essencial.

Por meio de seu estudo do imaginário dos alunos de algumas escolas SENAI-SP, Borges identificou a importância desses ritos e dos impactos no processo de formação:

Partindo desses pressupostos, entendo que as práticas escolares e, no nosso caso, as práticas escolares ocorridas no âmbito da educação profissional, podem representar uma oportunidade para a passagem da adolescência à vida adulta. O jovem inserido nessa modalidade de curso transita do mundo da criança, constituído de brincadeiras, jogos, escola regular, por meio da formação profissional, constituído

também por outras situações que podem se configurar como ‘passagens”, como por exemplo: o registro em Carteira de Trabalho e Previdência Social, a convivência com profissionais adultos e experientes nos ambientes da empresa da qual é contratado, no exercício de uma ocupação profissional em situação real de trabalho, ou seja, características e atributos do mundo industrial que constituem o mundo adulto. (BORGES, 2013, p. 27)

### 6.1.1 A visão dos especialistas do SENAI-SP

CATEGORIAS	DADOS DA PESQUISA
<b>Juventude</b>	Período entre adolescência e jovem adulto. O Jovem é um ser em construção, em mudança. Estão no auge das potencialidades: físico, de aprendizado, possibilidades Hoje, jovens se “adultizam” mais cedo, são indivíduos participadores, articulados, reflexivos, ligam menos para hierarquias, são mais ansiosos e estressados. Conceito se modificou com o tempo, há maior abrangência do tempo de juventude e do significado da concepção. Fase sobre a qual há de se precisa impor limites
<b>Diferenças Geracionais</b>	Percepção das entrevistadas sobre sua própria geração (3m 3 palavras): Interação social; Estabilidade; Presentes; Percepção das entrevistadas sobre a geração atual de jovens (em 3 palavras): Falta de interação; Instabilidade; Eletrônicos; Conflitos podem ser bons.
<b>Mercado de Trabalho</b>	Há uma falta de preparo adequado e experiência por parte do jovem. É preciso que os jovens trabalhem suas capacidades sócio-emocionais. Há procura por parte das empresas por jovens que fazem cursos profissionalizantes. A tecnologia pode alavancar o jovem, pois auxilia no aumento da formação; mas também dificulta sua entrada no mercado de trabalho, por conta da automatização dos sistemas produtivos.
<b>Educação</b>	Educação possibilita emancipação e formação. Deve formar para o mercado de trabalho competitivo, atualizar-se para novas tecnologias. Há mais acesso à informação, mas conhecimento, é raso. A ainda tem a potencial para ser transformadora.
<b>SENAI</b>	“Divisor de águas na vida do jovem”. “O aluno chega de moletom e sai de terno e gravata”. “Orienta para a vida”. “Dá repertório e maturidade” ao aluno para entrar no mercado de trabalho. “Ao fim do processo se percebe a mudança gritante”. Empurra o jovem na direção da vida adulta. Ensina postura, disciplina, valores, orienta e aconselha. Ensina que trabalho não é castigo, é possibilidade de mudança, de realização. O SENAI não evoluiu em torno do jovem, mas sim da indústria, tecnologias e mercado. Evoluiu com responsabilidade em relação aos valores da sociedade, mas não acompanhou o ritmo da cultura juvenil A aprendizagem,

	sim, evoluiu com e para a juventude. Foi e permanece um local de acolhimento ao jovem, de descobrimento de vocação e interesses.
--	--

Tabela 2: Tabela com as categorias analíticas resultantes da sistematização dos códigos postos sobre análise das quatro entrevistas.

## 6.2 Tecnologia

“As tecnologias digitais possibilitaram uma nova dimensão dos produtos, da transmissão, arquivo e acesso à informação alterando o cenário econômico, político e social.” (KOHN; MORAES, 2007). Com o surgimento da internet, as ideias de liberdade e imaterialidade passaram a revolucionar a leitura e a comunicação. Nisso, computadores, *tablets* e *Smartphones* se tornaram instrumentos tidos como essenciais para a interligação de pessoas e formação de redes.

O ciberespaço<sup>3</sup> "suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas" (FERREIRA, 2017) ampliam nossa memória, por meio de banco de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos, aumentam nossa imaginação, nos possibilitando fazer simulações, nossa percepção, com seus sensores digitais e realidades virtuais, e raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos).

Dentro do ciberespaço, se criou a cibercultura, que é “um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (FERREIRA, 2017). Parte dessa nova cultura, típica de nossa era, é o “*internetês*”, uma linguagem utilizada no ciberespaço. A autora, Aline Ferreira, afirma que essa linguagem mistura elementos da oralidade com símbolos, ícones, abreviações e *emoticons*<sup>4</sup>, *emojis*<sup>5</sup>, *gifs*<sup>6</sup>, *stickers*<sup>7</sup> e *memes*<sup>8</sup>. Para ela, os jovens se apropriam do internetês e constantemente reinventam a língua que não se limita à internet, mas também está na maneira de verbalizar os pensamentos. Essa língua é uma forte característica da juventude e é denominada como abreviada e sincopada.

<sup>3</sup> O conceito de ciberespaço trabalhado aqui pode ser entendido como o meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores.

<sup>4</sup> *Smileys*. Pontuação que mimetiza expressões faciais. Exemplo: :-)

<sup>5</sup> Conceito de *smileys* desenhados mais a presença de objetos, como comidas, placas, cocô, etc.

<sup>6</sup> Micro-vídeos em auto-repetição infinita, que podem ser enviados como arquivos de imagem.

<sup>7</sup> Figurinhas.

<sup>8</sup> Meme é um termo grego que significa imitação. O termo é bastante conhecido e utilizado no "mundo da internet", referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc., que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade. Fonte: <https://www.significados.com.br/meme>. Acesso em: 01 nov. 2019.

Esse tipo de linguagem cujos sentidos se mantêm na superfície, leva a uma comunicação também *superficializada* e, com ela, à formação de laços afetivos mais frágeis.

Ainda na tese de mestrado de Ferreira, ela conduziu uma pesquisa na qual foram abordados jovens de 12 turmas de uma escola, onde a dimensão da conexão com os artefatos tecnológicos também se mostra presente e intensa. Realizada em 2015, participaram todos(as) os(as) alunos(as) das 1ª e 2ª séries do ensino médio, totalizando 377 participantes. A partir das questões elaboradas foi possível perceber a periodicidade em que as/os jovens se encontram conectadas/os, conforme quadro abaixo.

<b>Conexão dos Jovens com seus Smartphones – Resposta de frequência estimada</b>	<b>% dos respondentes</b>
Estou constantemente conectado(a)	42%
Diariamente	47%
Cinco ou seis vezes por semana	2%
Três ou quatro vezes por semana	3%
Uma ou duas vezes por semana	2%
Esporadicamente	4%

Tabela 3: frequência estimada por autoanálise de jovens estudantes quanto ao uso/conexão de Smartphones. Retirado de FERREIRA, A. G., 2017.

Os resultados demonstram que 89% dos(as) jovens pesquisados(as) acessam a internet pelo menos uma vez por dia ou consideram que permanecem conectadas/os a todo momento, ou seja, estão constantemente navegando no ciberespaço ou navegando pelo menos uma vez por dia. Desse modo, quase 90% das/os jovens pesquisadas/os possuem uma relação diária com a internet. Nenhuma/nenhum jovem respondeu não ter acesso à internet. Os(as) jovens, em sua grande maioria, declararam navegar no ciberespaço via dispositivos móveis, ou seja, por meio, principalmente, de *smartphones*. Esse total corresponde a 91% dos(as) jovens que responderam ao questionário.

(...) a maioria das pessoas (83,2%) aponta que “comunicar com outras pessoas” é o principal motivo para o uso da internet, segundo a PNAD 2009. Porém, em 2005, a principal razão apontada era educação ou aprendizado, que caiu para o terceiro lugar em 2009, entre os objetivos do uso da rede. (REIS; de JESUS, 2014, p.30).

No livro “Growing up digital: the rise of the net generation” (no Brasil publicado em 1999 com o título *Geração Digital: a crescente e irreversível ascensão da geração net*), Tapscott (1999 *apud* BORTOLAZZO, 2015) registra algumas características de jovens que cresceram fazendo uso dos aparatos tecnológicos e tenta prever transformações na sociedade provenientes dessa relação. Tapscott parte da premissa do fenômeno (nunca antes experimentado pela humanidade) da “hierarquia do conhecimento invertida”. A Geração Digital estaria exercendo um papel de liderança, uma vez que nem seus pais ou mesmo professores possuiriam a expertise com as tecnologias, estando à frente.

O autor afirma que a participação da “*Geração Digital*” na formação de uma cultura do século XXI por meio das tecnologias digitais corresponde a uma verdadeira revolução, cujos precedentes só podem ser comparados ao impacto da televisão na vida dos *Baby Boomers*. (p.06).

Dez anos mais tarde, Tapscott lança uma continuação de sua pesquisa: *Grown up digital: how the net generation is changing your world* (2009), publicado em 2010 no Brasil e traduzido como *A hora da Geração Digital - como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Nele, o autor entrevistou mais de 10 mil jovens para avaliar como se dão as sociabilidades nesse grupo.

Contraopondo-se a muitos estudos que acusam essa geração de superficial, carente em termos de concentração e pobre em habilidades sociais, Tapscott conclui que esses jovens, ao contrário, teriam desenvolvido novas formas de pensar, interagir, trabalhar e socializar. (BORTOLAZZO, 2015, p.08).

Uma das principais críticas a esse autor afirma que ele se apoia num determinismo tecnológico, no qual a tecnologia digital sempre e só resulta em mudanças positivas à sociedade.

No outro polo da discussão, temos o pesquisador e professor do MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), Nicholas Carr, que criou o termo *Geração Superficial*. Em sua obra *A Geração Superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros* (CARR, 2011 *apud* BORTOLAZZO), ele investiga como as atividades cerebrais de internautas e os consequentes estímulos provocados pelo uso constante de computadores, *tablets*, *Smartphones*, entre outros aparelhos e dispositivos móveis de comunicação, diminuindo a capacidade de concentração e habilidade para armazenar informações dos pesquisados. Na sua reflexão, os inúmeros estímulos visuais, imagéticos e textuais contidos no ciberespaço, estaria nos ensinando a “parar de pensar”. Em suas palavras:

(...) O pensamento profundo, contemplativo, concentrado, antes comum na vida do pesquisador, passou, então, a dar lugar a um pensar mais superficial, caótico, apressado e, de certa forma, sedento por novidades, ou melhor, ávido por estímulos sempre renovados. (CARR, 2011 *apud* BORTOLAZZO, 2015, p.10).

Essa geração seria mais talentosa do que as precedentes quando se trata de procurar informações, uma vez que tem a seu dispor ferramentas como o *Google* (p.12), que além de ser rápida por si só também faz o indivíduo buscador ser mais ágil e eficiente. Por outro lado, também seria mais impaciente, ansiosa para pular etapas, muito imediatista.

### **6.3 Trabalho**

No que se refere à relação entre trabalho e juventude, as condições de vida, as oportunidades de desenvolvimento e o tempo disponível apresentam-se como peculiaridades que separam radicalmente adolescentes que trabalham por necessidade daqueles que só estudam ou buscam o trabalho como meio de desenvolvimento profissional. Neste exemplo, se reconhecem dois pólos: o dos que, pela necessidade econômica, anseiam por antecipar a vida adulta como forma de conseguir prover mais recursos para si e/ou para sua família e o outro, no extremo oposto, formado por jovens "burgueses" interessados em manter os benefícios do tempo livre ou de poder constituir uma base sólida para sua carreira.

Foi por meio da problematização sobre o trabalho infantil que se promoveu as primeiras estruturas formais de fiscalização do trabalho. No Brasil, até os anos 1930, as políticas públicas voltadas a esse grupo voltavam-se apenas à infância e à adolescência. Na década de 40, os jovens passaram a ganhar atenção, num contexto de uma necessária qualificação da força de trabalho à nascente indústria nacional (aí se insere a criação do SENAI, SENAC e Sam – Serviço de Atendimento ao Menor). Dentro desses diversos períodos, observam-se diferentes atribuições aos seres tidos como jovens.

Se num contexto educacional temos constatado, um aumento do tempo resguardado à educação, do nível de escolaridade da população geral e da necessidade de ser escolarizado para uma melhor inserção na sociedade, vemos suas consequências imediatas na esfera do trabalho: o fim ou desequilíbrio do chamado "Ciclo Ternário" (Educação-Trabalho-Descanso), uma desestruturação dos regimes de previdência e trabalho formal e uma total insegurança, para as novas gerações, com relação ao seu futuro empregatício e estabilidade de carreira. Por



sua vez, essa nova dinâmica laboral está igualmente conectada com as emergentes tecnologias, que trazem novas visões de mundo, novas formas de se relacionar com a cultura, com o input de informações, e novas formas de se comunicar. Todos estes, pontos importantíssimos de se estudar e acompanhar dentre os mais jovens e que afetam diretamente sua relação com a educação e os sistemas educacionais. Formando, portanto, um ciclo indissociável que molda a juventude.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse longo processo de exposição de informações, cabe um espaço final para reflexões e ponderações. Primeiramente, é interessante expor os próximos passos dessa pesquisa, que se encerra em breve: após publicação no sistema 'Intranet' do SENAI-SP, haverá uma fase de exposição da pesquisa, tanto suas conclusões quanto seu próprio processo de criação, para os setores administrativos do Sistema Industrial de Aprendizagem, especialmente para a Gerência de Educação. Alguns episódios de um *podcast* serão lançados sobre o tema, baseado no material aqui apresentado. Algumas escolas, se interessadas, poderão agendar apresentações nas quais serão explanados o compêndio de informações aqui trazidas e como propagar esse conhecimento de forma didática a instrutores e colaboradores da rede SENAI-SP, como um todo.

Em segundo lugar, é preciso fazer um *mea culpa* das faltas desse projeto. Se pudesse apontar algo, seria o tempo e a abrangência desse estudo. Um projeto de ambição dessa magnitude, mira um "Estado da Arte" e bate em um verbete enciclopédico. Na melhor parte de 3 meses, projeção, execução, análise e conclusão foram feitos, deixando de explorar inúmeras possibilidades tragas por um processo científico. O objeto, inversamente proporcional ao tamanho do tempo, ainda que apenas recentemente tocado por pesquisadores brasileiros, já oferece abundante material, do qual li seus destaques e principais correntes, deixando em aberto, novamente, alguns caminhos pouco percorridos. Contudo, hei de fazer também uma defesa destes aspectos anteriormente lamentados: a questão do tempo é puramente circunstancial. Não se tratando de um instituto de pesquisa, em sua primazia, nem eu me tratando de uma bolsista de iniciação científica ou pesquisadora contratada, a ideia do SENAI-SP de sequer pedir que tal estudo fosse feito já, em si, muito excepcional. Segundo, a abrangência do tema e objeto de

estudo se deve justamente à lacuna que há entre o fazer e a divulgação científica. Há de se iniciar a conversa em algum ponto, certo?

Por último, eis um compilado de informações que resumem este texto, que, por sua vez, já é um compilado de informações. Não é mais possível falar em JuventudE (caixa alta intencional) e nem a descrever em dossiês. Em nossa sociedade globalizada, trata-se apenas de JuventudES (mais uma vez, caixa alta intencional) e só as descrevem quem almeja falar de uma, em um recorte específico, dentro do plural quadro geral das pessoas que, por convenções legais e culturais, são chamadas de jovens. O mesmo conceito se aplica ao de Gerações, mas com ainda mais ressalvas. Mesmo dentro de um mesmo período de tempo, num mesmo país, se têm gerações distintas que evidenciam fatos históricos diferentes, e mesmo os que viram um mesmo acontecimento, o processaram de maneira diferente, de acordo com os meios pelos quais o podiam fazê-lo, os grupos sociais aos quais pertencem tais indivíduos, e as correntes culturais em voga àquele grupo. Por fim, é através das intersecções entre educação trabalho, tecnologia, cultura e sociedade que nasce o perfil de uma parte da juventude brasileira (pelo menos, a que aqui nos interessa: paulista, classe média ou baixa, minimamente urbanizada, minimamente conectada). Entre suas principais atribuições: alto uso de celular, sem grandes expectativas de empregos formais e estáveis em seu futuro, diversificados socialmente, buscando por formação e um meio de se inserir na população economicamente ativa, procurando por um meio de se afirmar perante seu mundo.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: ANPEd, v. 5, n. 6, pp.25 - 36, 1997.
- ALMEIDA, G. P. O Jovem Ontem e Hoje: um panorama da juventude brasileira, as gerações e sua intersecção com a educação, o trabalho e a tecnologia. In: SEMINÁRIO FESPSP, 8. 2019. São Paulo, **Anais...** São Paulo, 2019.
- BENEDICT, R.; MIRANDA, A. La gramática de la juventud: un nuevo concepto en construcción. **Revista Última Década**, Santiago (CH), v. 46, n. 7, pp. 4 – 43.
- BOOTH, W.; COLOMB, G.; WILLIAMS, J. **A Arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BORELLI, S. H. S. et al. Jovens urbanos, ações estético-culturais e novas práticas políticas: estado da arte (1960 – 2000). In: ALVARADO, S.V.; VOMMARO, P.A. (Org.). **Jóvenes, Cultura y Política em América Latina**. Rosario (Arg.): Homo Sapiens Ed, 2010, pp. 293 – 320.
- BORGES, P. R. **O declínio dos ritos de passagem e suas consequências para os jovens nas sociedades contemporâneas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, USP, São Paulo.
- BORTOLAZZO, S. F. Narrativas Acadêmicas Produzindo Crianças e Jovens Digitais. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 37., 2015. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2015, pp. 1 - 18.
- BOURDIEU, P. A “Juventude” é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 112 - 121.
- BURAK, S. D. **Adolescencia y Juventud en América Latina**. Cartago (CR): Libro Universitario Regional, 2001.
- CASTRO, E. G. et al. A categoria juventude rural no Brasil: o processo de construção de um ator político - Contribuições para um estado da arte. In: ALVARADO, S. V.; VOMMARO, P. **Jóvenes, cultura y política en América Latina - algunos trayectos de sus relaciones, experiencias y lecturas (1960 - 2000)**, SERIE DE ESTUDIOS LATINOAMERICANOS. CLACSO: Homo Sapiens Ediciones, 2010.
- COIMBRA, C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, pp. 2 - 11, 2005.

CORREA, L. M.; ALVEZ, M. Z.; MAIA, C. L. **Cadernos Temáticos**: juventude brasileira e Ensino Médio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

COSTA, A. **Como se tornar um(a) jovem de sucesso a partir do Terceiro Setor**. São Paulo: Alexandre Costa, 2017.

FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n.2, pp. 185 – 203, 2010.

FERREIRA, A. G. **#CurrículoEmConexãoComAcibercultura**: a sociabilidade ciborgue e as juventudes no ensino médio. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte.

GONDIM, L. M. P.; LIMA, J. C. Estrutura do projeto de pesquisa. In: **A Pesquisa como artesanato intelectual**: considerações sobre método e bom senso. São Carlos: Editora UFSCar, 2006.

GROPPO, L. A. A Juventude como Categoria Social. In: **Juventude**: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, p. 7-27, 2000.

GROPPO, L. A. Teorias pós-críticas da juventude: juvenilização, tribalismo e socialização ativa. **Revista Latinamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 13, n. 2, pp. 567 – 579, 2015.

HENZE, V. On the Concept of Youth - Some Reflections on Theory. In: SCHÄFER, I. (Org). **Youth, Revolt, Recognition. The Young Generation during and after the Arab Spring**. Berlim (AL): MIB, 2015.

LEÃO, G. Juventude e Trabalho. In: NONATO, S (Org). **Cadernos Temáticos - Juventude Brasileira e Ensino Médio**, v. 1, n. 6. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MARGULIS, M. Juventud: uma aproximación conceptual. In: BURAK, S. D. (Org.). **Adolescencia y Juventud en América Latina**. Cartago (Costa Rica): LUR, 2001, pp. 41 - 56.

OLIVEIRA, S. R.; PICCININI, V. C.; BITENCOURT, B. M. Juventudes, Gerações e Trabalho: (re)situando a discussão sobre a Geração Y no Brasil. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, 3., 2011. João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, 2011. pp. 1 - 13.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: ANPEd, v. 5, n. 6, pp.25 - 36, 1997.

REIS, J. B. Culturas Juvenis e Tecnologia. In: DE JESUS, R. E. (Org). **Cadernos Temáticos - Juventude Brasileira e Ensino Médio**, v. 1, n. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ROLDÁN, C. Desarrollo de adolescentes y jóvenes em zonas de pobreza y marginación. In: **Adolescencia y Juventud en América Latina**. Cartago (Costa Rica): LUR, 2001, pp. 131 – 151.

SANTANA, M. A.; RAMALHO, J. R. **Sociologia do Trabalho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

SOUSA, J. Apresentação do Dossiê: A sociedade vista pelas gerações. Política & Sociedade: **Revista de Sociologia Política**, Florianópolis, v. 5, n. 8, pp. 9-30, 2006.

SPOSITO, M. P. (Org). **O Estado da Arte sobre Juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999 – 2006), v. 2, EDVCERE, n. 10. Belo Horizonte: ARGUMENTVM, 2009.

VILLAS, S. Juventudes e Projetos de Futuro. In: NONATO, S. (Org). **Cadernos Temáticos - Juventude Brasileira e Ensino Médio**, v. 1, n. 5. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, pp. 205 – 223, 2010.

WELLER, W. Karl Mannheim: Um Pioneiro da Sociologia da Juventude. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13., 2007. Recife. **Anais...** Recife, 2007, pp. 1 – 15.